
**CALAR OU FALAR? A RECEPÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA
FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA.**

Paulo R. Souto Maior Júnior - UFCG

Perdão, mãe

Perdão mãe, se teus ensinamentos
Não criaram raízes no meu ser.
No entanto mãe, jamais deixei de crer
Em meio a dor dos mais cruéis tormentos.

Se meu futuro deu inverso que sonhavas;
E tua filha crescia em tormentos tantos
Sem saber o que queria, onde chegava,
Tua filha te amava entre prantos.

Nunca poderei seguir teus passos lindos
E sem pegadas onde iria?
E apesar do meu esforço,
Não escondi meu ser que te feria!

Mas tentei mudar. Te agradar
Fui contra meu sentir...
Atrapalhei o meu eu. Nem consegui amar.

Perdão mãe
Se teus ensinamentos não criaram raízes no meu ser.

Perdão mãe, se é justo
Compreender.

O poema acima foi deixado no caderno do autor deste artigo quando o mesmo cursava o 1º ano do Ensino Médio, à época com catorze anos de idade. O texto toca pelo tom de confiança, do desabafo, das tentativas de mudança, pois “fui contra o meu sentir.../ atrapalhei o meu eu”. O eu-lírico enumera seus transtornos e medos, mas os supera e expressa sua sexualidade. É chegada a hora de romper o silêncio, de mostrar para a família quem se é realmente. Acompanhado as inúmeras tentativas planejadas há a insegurança, o medo, a mudança. Por muitas vezes os sussurros de choros abafados antecederam o sono, os pesadelos retratavam as mais diversas reações. Geralmente as lembranças das injúrias marcam cicatrizes na consciência. Os insultos não se restringiram apenas a escola e exerce (iam) um poder na mente dos receptores das agressões. Os efeitos são diversos. Ficar calado refletindo sobre o que escutara ou se manifestar e contra-argumentar? Conforme pensou Eribon independente da reação sofrida pelos receptores da agressão as palavras ditas incomodam. Terei que apreender a viver com isso, sou alguém largado as denominações alheias, motivo de olhares enviesados, de discursos que ferem (Eribon; 2008), conforme se observa nos depoimentos usados na análise desta pesquisa.

As três entrevistas, surgidas de conversas informais entre o autor deste artigo e seus entrevistados, realizadas com estudantes universitários do sexo masculino na cidade de Campina Grande foram realizadas na Universidade Federal de Campina Grande e buscaram investigar as formas de falar sua sexualidade para a família e a maneira como foram recepcionados. Dois desses jovens são estudantes do curso de Letras e um do curso de Engenharia Civil. Um deles mora fora de casa, os outros dois moram com os pais. As entrevistas foram concedidas sem problemas, desde que fossem usados pseudônimos para preservar a identidade dos mesmos. Assim, optei por adotar nomes de deuses da mitologia Grega. A idade de “Apolo” é de 20 anos, “Hermes” e “Poseidon” tem 24 anos. Apolo, o primeiro entrevistado ao ser questionado sobre o momento em que sentiu necessidade de falar com seus pais sobre suas preferências sexuais assim se expressou:

“Sempre tive muita vontade de contar para minha mãe. A partir dos 15 anos especialmente quando tive relações mais consistentes como o meio homossexual. Não cheguei a namorar, mas tive relações mais sérias. Isso aos 15 anos. Então a partir desse tempo eu já queria muito ter contado a minha mãe porque eu tinha alguma chance dela me aceitar e... e... e eu não viver nessa sombra que eu vivia. Então a partir do momento que eu comecei a soltar algumas indiretas minha mãe começou a perceber. Eu não cheguei a contar pra ela. Só... algumas coisas. Ela me perguntou. E a vontade de contar me proporcionou dizer a ela que eu tive experiência com isso, mas aí ela não aceitou. Ela chorou muito. Ela contou pro meu pai. Meu pai também não aceitou.”

“Sempre tive muita vontade de contar para minha mãe”. O que motiva esta frase? A apreensão. Querer e não dizer é entendido enquanto medo da reação familiar. Observa-se algumas estratégias que precedem o falar. Neste depoimento Apolo ressalta a vontade e o medo de falar o faz “soltar algumas indiretas”. Estas podem ser entendidas como uma “preparação de campo”. Apolo acredita que este artifício pode amenizar as conseqüências. Logo, é questionado pela mãe e confirma. A reação da mãe é acompanhada de lágrimas, desespero e investigação de fatores que levou o filho a seguir a orientação homossexual. Apolo esclarece o uso por parte dos pais de uma série de artifícios visando a “cura” do filho. Buscaram também as “causas” da homossexualidade de Apolo, “eles achavam que a internet que tava me aliciando, que alguns amigos meus poderiam ter feito isso. Então eles confiscaram meu celular e não me, me permitiram de usar internet em casa”. A partir do momento em que os pais sabem da notícia usam do mecanismo de buscar uma causa, um motor no problema. Esta reação é também um movimento de fuga dos pais. Mais que isso! Retirar os dispositivos “influenciadores da homossexualidade”, tais como a internet e o confisco do celular funcionam como artifícios que levam o filho a seguir outro caminho. Neste caso os pais não buscam entender e pensar a confissão, eles estão preocupados com a

imagem do público sobre o privado, a representação social, a honra da família, o filho se tornar inverso a “natureza social”. Apolo não foi aceito. Ainda hoje, passados mais de cinco anos da revelação, discussões com a mãe ocorrem devido a sua “orientação”, ao contrário do pai, que há pouco tempo disse: “eu quero que você seja feliz”, conta Apolo.

Vejamos o caso de Hermes:

“Na época foi um turbilhão de coisas. Você ainda está se formando enquanto pessoa. Então lidar com uma pressão é uma característica complicada lidar com a consequência disso na sua vida aos onze, doze anos de idade quando você tá se formado enquanto pessoa. É algo complicado. Crise de identidade eu não tive. Procurei me informar muito se era isso que eu realmente era. E a partir do momento que eu queria assumir o que eu era eu disse: ‘eu sou, ponto. Nada vai mudar etc e tal’. Apesar disso a gente sempre tem medo da reação familiar. Como a família vai lhe tratar depois disso? No meu caso eu levei muito tempo para me acostumar com isso porque felizmente minha mãe ouviu da minha própria boca num intervalo de oito anos. Então... levou um tempo para se acostumar com a idéia, amadurecer questões com relação a isso. Até que eu cheguei e contei. Já não era mais novidade para ninguém. Todo mundo já sabia. Porque com catorze anos eu começo a namorar uma pessoa catorze anos mais velha que eu. Então, tipo, não há como não notar que um relacionamento entre um cara de vinte e oito e um de catorze... Obviamente que é uma coisa além. Minha mãe percebeu o óbvio. Chega pra mim e pergunta e acusa. Eu nunca tinha confirmado. Quando acabou (o namoro) eu contei que tinha acabado”.

Hermes esclarece as perturbações de um adolescente que cresce se percebendo homossexual dado ser “uma característica complicada lhe dá com a consequência disso na sua vida aos onze, doze anos de idade quando você tá se formado enquanto pessoa”. Simultaneamente “a gente sempre tem medo da reação familiar. Como a família vai lhe

tratar depois disso?”. Eis o problema. Conforme ressaltai no início deste artigo antes do falar o jovem homossexual se encontra repleto de angústias, interstícios de vontades que logo dão lugar a insegurança tão comum. Se informar sobre casos semelhantes com amigos, namorados sempre configura uma experiência a mais na tentativa de contar em casa. Hermes enfoca ainda o quão complicado é lidar com uma “sexualidade” diferente numa fase intermediária -adolescência-, repleta de conflitos, novidades e nesses casos acompanhados de um “gosto” construído como “errado”, um gosto por pessoas do mesmo sexo. O que colabora, dentre outros fatores para estatísticas nas quais uns em cada três homossexuais já pensaram em suicídio (Monster, 2007). Este caso é permeado de conflitos. A mãe de Hermes antes de vê-lo como homossexual, o vê num relacionamento com um homem catorze anos mais velho. As brigas são constantes e repletas de acusações e xingamentos. Apesar de negar a todo instante diante das acusações maternas o menino sente necessidade. Prova disso é no fim do relacionamento ele contar de imediato para a mãe a trajetória do namoro e de um filho “gay”. Há no caso de Hermes uma característica comum entre jovens gays: o desejo de sair de casa. E, num segundo momento, buscar uma cidade maior, capital de preferência um espaço de maior liberdade. O movimento é mais que uma migração, constitui uma viagem longe do exílio. O depoente esclarece que a relação com a mãe tornou-se mais consistente a partir de sua saída de casa e da cidade quando optou por morar com o namorado. Sair de casa é um dos princípios das subjetividades de homossexuais para fugir da violência e da injúria, “que isso costuma passar pela dissimulação de si mesmo ou pela migração para lugares mais clementes” (Eribon, 2008).

Uma pesquisa realizada por Marie-Ange Schiltz em 1997 mostrava que a partida do lar familiar e acesso a independência econômica se dava mais rapidamente entre os jovens homossexuais. Hermes enumera que viver sozinho, depois ele se separou do namorado, é uma “possibilidade de melhor aceitação até, pois você pode receber ‘caras’ em casa e amigos sem a interferência do olhar materno”.

“Mãe, você tem algum desgosto de mim?” O caso de Poseidon:

“Eu nunca tive a necessidade de contar. Tanto que ela (minha mãe) achava que eu não queria contar. E ninguém nunca chegou para

mim dizendo que eu era hétero então eu não tinha a necessidade de tá dizendo que era homossexual. Só que no caso da minha família, quando eu tive o meu segundo relacionamento... é... comentou com minha sobrinha. E eu falei pra minha sobrinha que tem quase a mesma idade que eu. E minha mãe comentou com ela que tava percebendo. Aí eu cheguei pra minha mãe e perguntei. Assim não foi ela que vem avisar pra mim. Eu fui até ela. Eu olhei pra ela, a partir de um comentário que ela fez e perguntei se ela tinha algum desgosto de mim. Aí ela falou que não. Aí eu: a senhora sabe o que eu to perguntando não sabe? Aí ela só fez rir e disse que não porque eu era o filho dela. Então pronto!”.

Poseidon expõe a não necessidade de contar, mas procura sua mãe ao saber que esta está desconfiada e lhe indaga não diretamente, usa do que eu chamo de “eufemismo do expressar-se”; procura uma estratégia na condução do que se objetiva explicitar. Portanto lança mão da idéia de desgosto. O caso de Poseidon é particularmente inovador nos atuais prismas da recepção. Ora, a mãe deste sorri com a situação. Cabe observar, abusando da referência a entrevista, que ela já desconfiava bastante. Talvez o período da desconfiança possa ser visto enquanto um digerir de uma revelação que ela acaba tomando para si antes mesmo do filho dizer. Ao ser questionado sobre sua relação com a sociedade, Poseidon revela que não percebia problemas consigo mesmo, “o problema que eu fui percebendo que tinha algo complicado, não em mim”; a medida que foi crescendo observou que o problema era a sociedade, o que esta tentava fazer com ele. Poseidon tem formação católica e sua mãe o recepcionou sem maiores problemas. Mas a necessidade de Poseidon se aguça a partir do momento que ele sabe da desconfiança da mãe. Este caso surpreende por dois fatores. O depoente sabe no início da pré-adolescência que é “uma aberração para a sociedade”. Ele não tem um período de dúvidas “uma coisa que eu sempre soube né?” e sua mãe, talvez pelo fato de desconfiar há um tempo, não coloca restrições no momento do falar, não nega a “orientação” do filho.

A distância entre os entrevistados se dá com a recepção. Ao passo que duas das mães aceitam a sexualidade dos filhos, uma ainda encara como um problema, motivo de brigas e discussões. Ela não aceita a vida do filho como homossexual. Por outro lado, a aproximação entre os entrevistados é a necessidade de esclarecer para a família, nos casos tratados a mãe com maior preferência, sua sexualidade. Eles receiam. Tem medo. Pensam em como contar.

As passagens das entrevistas integram um corpo de análise onde importa uma segunda pergunta: “o que atua sobre o falar que possa ser visto como uma ‘solução’ para os homossexuais?” O deciframento de si é acompanhado de uma revelação de si, de auto-análise seguido da vontade de, ao contar para a família, serem entendidos, aceitos, encontrar um apoio entre tantas aflições, isto é, a auto-revelação já havia sido analisada e desejada. Destarte a pergunta que inicia este parágrafo é a mesma que nos diz qual a consequência esperada a partir da confissão. Ora, mesmo sendo os filhos recepcionados de maneira pouco desejada, eles almejam um entendimento dos pais, a ajuda deste, a pacificação deles próprios enquanto membros de uma família onde sejam aceitos sem olhares enviesados, fofocas, suposições, insinuações, alusões, sem cicatrizes físicas e verbais, as segundas os deixando num clima de luto familiar doloroso e longo, nunca terminado, portanto (Derrida,1987).

Os entrevistados buscaram romper com a política do silêncio. E o fizeram ao serem perguntados sobre ou ao serem percebidos em namoros e/ou amizades mais próximas. Há um desejo comum de romper esta política e se auto-afirmarem para seus pais, podendo ser aceitos ou pelo menos encontrar-se um pouco mais livre no ambiente privado. Estes jovens na sua grande maioria já possuem, conforme se viu, a “certeza” de sua sexualidade, mesmo que nunca tenham tido experiências com indivíduos do mesmo sexo, mas se descobrem presos em atrações físicas ou apaixonados. Logo falar ou calar é um desejo não apenas dicotômico, funciona como uma interface de se encontrar na família de forma mais presente e não excluído por não “gostar” de meninas/os.

Freqüentemente as conversas com amigos, ou em inícios de relacionamentos, percorrem o campo “poxa, você é corajosa”; “e como você falou?” Em grande parte dos casos chega um momento da vida em que a situação se torna insustentável. Se em casa a

situação é permeada pelo receio, fora dela a situação não é diferente, especialmente na escola. Segundo a pesquisa “Juventudes e Sexualidade” (Castro, Abramovay e Silva, 2004) realizada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 14 capitais brasileiras e lançada no dia 8 de março de 2004, revelou que 25% dos estudantes pesquisados não gostariam de ter um colega de classe homossexual. Em Goiânia, por exemplo, 33% dos pais não gostariam que os filhos tivessem colegas de sala homossexuais. Na contra-mão realizaram-se pesquisas nas Paradas do Orgulho LGBT DO Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife, entre os anos de 2003 e 2006 onde os índices especificam que de 56% a 70% das pessoas relataram ter sofrido discriminação em razão de sua sexualidade. As agressões ficam entre 58% e 65% nas quatro edições da pesquisa. O que espanta ainda mais é um número de 30% a 40% de pessoas que afirmam terem sido alvo de agressão não a relataram a ninguém; as vozes das vítimas preferiram viver suas dores em silêncio numa espécie de invisibilidade da homofobia (Facchini e Simões, 2009).

Segundo estudo de Simões e Facchini as situações de discriminação se dão em grande parte entre pessoas que se conhecem, ocorridas nos espaços da vizinhança, da residência, nas redes familiares e conjugais, e mais intensamente, nas instituições de saber. Xingamentos, agressões verbais, agressão física são alguns exemplos das práticas discriminatórias realizadas contra pessoas homo/bi/transsexuais; todas as categorias listadas na pesquisa foram alvo de uma violência menos exposta e mais próxima das geografias da intimidade. Entende-se, portanto, que os discriminadores estão mais próximos de suas vítimas. (Facchini, 2009).

O espaço escolar constitui outra geografia da disseminação do preconceito. Talvez o mais preocupante dado os estereótipos lançados a um menino/a desde a sua infância. Érica Renata de Souza observou em estudo numa escola pública na cidade de Campina-SP os marcadores da sexualidade em Jonas e Fábio. Fábio se recusou a ver um anúncio sobre roupas íntimas femininas, o menino contra-argumentou “ô seu gay, nem anúncio de mulher pelada cê quer ver?!”. No caso de Jonas declara o desinteresse por futebol e demais esportes provocando dizeres marginalizantes de outros garotos, se referindo a ele como “gay” e “bicha”. Ainda sobre Jonas os dizeres são mais intensos

“Jonas, fala que você gosta de boneca, fala! Vou assistir sua peça de balé lá no teatro” em seguida “vou dar um ursinho carinhoso pra você, Jonas!”

Renata De Souza esclarece com relação a Jonas que ele não interagiu com os outros meninos, dialogava apenas com algumas poucas meninas. No caso de Fabio tentava se incluir no meio, mas ao tentar fazê-lo era agredido por colegas de classe pois “aqui é só o homem, ô”, ainda assim Fabio tenta constantes aproximações. Neste caso, tão comum em relatos sobre a infância de homossexuais, analisa-se a matriz heterossexual construtora de práticas que concebem como femininas: amizade com garotas, não gosta de futebol, “se afasta” dos garotos. Renata De Souza em entrevista com a mãe de Jonas notou que a mãe fala do seu filho como um garoto normal, interativo com seus amigos na vizinhança, “sempre dentro dos limites estabelecidos por Deus”. A família é protestante. Esta problemática é trabalhada por Mairi Levitt ao falar que o cristianismo tem especialmente seus rituais centrados nas crianças, nos pré-adolescentes e nas mães que oferecem aos filhos experiências religiosas de uma vida normal, baseado na crença cristã de pureza. Há um paradoxo entre público e privado. Em casa Jonas se adequa a uma criança religiosa, na escola se espera dele um padrão de masculinidade.

Foucault destaca o peso da confissão adotada por estes “silenciadores” como recurso de controle e exercício de poder. Pois estar só com a sexualidade é falar dela apenas sob a forma de confissão. Pedro de Souza analisa a questão e coloca:

Expressar-se a respeito de sua própria sexualidade é um ato concomitante ao da consciência do si. Perceber-se como homossexual, por exemplo, tornou-se uma das possibilidades de o indivíduo identificar-se, definir-se como parte separada. Tudo isso se passa pela fala pelo ato de expressar; é a fala que dota de densidade a consciência do si perante uma experiência indizível”.
(Souza, 1997, p.19)

Nada mais expressivo do tema abordado neste artigo que essa afirmação. As entrevistas, mais que um traço pessoal, são um breve relato biográfico. São um conjunto

de enunciados indizíveis, dado que ao falar o jovem não sabe explicar o porquê “disso”, tenta buscar causas em meio a um dado de sua própria natureza. Muitos pais insistem: mas por quê? Quando deviam perceber o expressar não apenas como deciframento de si, mas sobretudo como revelação.

Se a reação é tão temida também o é a vontade de falar. Diante desse fato muitos jovens silenciam e se refugiam em seu mundo, cercado de medos, incertezas, querendo um ombro materno, sentindo a necessidade de responder ao “por que você ta triste?” ou compartilhar o “nossa! Você está tão feliz”. Estigmatizados, estereotipados, discriminados em discursos implícitos ou explícitos estes jovens vivem um constante diálogo entre o seu eu social e o seu eu interior. Através do falar um novo mundo é apresentado pois se de um lado de espera uma reação por outro sabe que outras possibilidades estão em xeque. Uma vez dito os pais terão que aprender a conviver com a realidade. Nos casos aqui tratados, já desconfiados.

Nesse sentido concluo com os versos de Jean Génét em “O milagre da rosa” que funcionam como uma espécie de grito:

“ Talvez tivesse o tempo de eu me tornar quem sou.

E serei aquilo que não prevejo, sem o desejar,
mas não serei marinheiro, explorador, gângster, dançarino
nem boxeador, pois o mais esplêndido representante deles
já não exerce domínio sobre mim”.

No instante que concluo este artigo recebo um e-mail informando que um adolescente de 14 anos em São Paulo, vítima do bullying homofóbico cometeu suicídio, se chamava Iago. Neste mesmo ano de 2010 o Brasil já oferece uma lista com nomes de 14 homossexuais assassinados vítimas de homofobia. “Mãe, eu não sei explicar porque eu to fazendo isso”, escreve o menino numa espécie na carta deixada a sua mãe. Iago este artigo é seu. Sem mais palavras.

Referencias bibliográficas:

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. A mulher/ Os rapazes da historia da sexualidade; São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ALMEIDA, Vagner de; RIOS, Luís Feipe; PARKER, Richard. Ritos e ditos de jovens gays; Rio de Janeiro: Abia, 2002.

THÉVOT, Xavier. Meu filho é homossexual. São Paulo: Edições Loyola;2001.

GREEN, James N. Além do carnavas. São Paulo: Editora Unesp, 2001

GREEN, James N. e POLITO, Ronald. Frescos Trópicos; Rio de Janeiro: José Olympo, 2004.

MUCHAIL, Salma Tannus. Foucault, simplesmente. São Paulo: Edições Loyola; 2004.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. O que é homossexualidade? São Paulo: Brasiliense, 1985.

FAIRCHILD, Betty e HAYWARD, Nancy. Agora que você já sabe. Rio de Janeiro: Record; 1996.

RIBEIRO, Irineu Ramos. A TV no armário. São Paulo: GLS; 2010.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Nos destinos de fronteira. Recife: Edições Bagaço; 2008.

SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

PRIORE, Mary Del. História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.

CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____. A cultura do plural. São Paulo: Papirus, 1995.

SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne*. São Paulo: Unicamp, 1997.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009